



A Santa Sé

SANTA MISSA CRISMAL

HOMILIA DO PAPA BENTO XVI

Basílica Vaticana

Quinta-feira Santa, 20 de Março de 2008

Queridos irmãos e irmãs!

Todos os anos a Missa crismal nos exorta a reentrar naquele "sim" à chamada de Deus, que pronunciamos no dia da nossa Ordenação sacerdotal. "Adsum eis-me!", dissemos como Isaías, quando ouviu a voz de Deus que perguntava: "Quem enviarei eu? E quem irá por mim?" "Eis-me aqui, enviai-me" respondeu Isaías (6, 8). Depois o próprio Senhor, pelas mãos do Bispo, impôs-nos as mãos e nós entregámo-nos à sua missão. Em seguida, percorremos vários caminhos no âmbito da sua chamada. Podemos nós afirmar sempre o que Paulo, depois de anos de serviço ao Evangelho muitas vezes cansativo e marcado pelos sofrimentos de todos os tipos, escreveu aos Coríntios: "Não desanimemos neste ministério, que nos foi concedido misericordiosamente" (cf. 2 Cor 4, 1)? "Não desanimemos neste ministério". Rezemos neste dia, para que ele seja sempre animado, para que seja sempre alimentado de novo pela chama viva do Evangelho.

Ao mesmo tempo, a Quinta-Feira Santa é para nós uma ocasião para nos perguntarmos sempre de novo: Ao que dissemos "sim"? O que significa "ser sacerdote de Jesus Cristo"? O Cântico II do nosso Missal, que provavelmente foi redigido já no final do século II em Roma, descreve a essência do ministério sacerdotal com as mesmas palavras com as quais, no *Livro do Deuterónimo* (18, 5.7), era descrita a essência do sacerdócio veterotestamentário: *astare coram te et tibi ministrare*. Portanto, são duas as tarefas que definem a essência do ministério sacerdotal: em primeiro lugar o "estar diante do Senhor". No *Livro do Deuterónimo* isto deve ser lido no contexto da disposição precedente, segundo a qual os sacerdotes não recebiam porção alguma de terreno na Terra Santa eles viviam de Deus e por Deus. Não se ocupavam dos normais trabalhos necessários para o sustento da vida quotidiana. A sua profissão era "estar diante do Senhor" olhar para Ele, estar com Ele. Assim, em última análise, a palavra indicava uma vida na presença de Deus e com isto também um ministério em representação dos outros. Assim como os outros cultivavam a terra, da qual vivia também o sacerdote, assim ele mantinha o

mundo aberto para Deus, devia viver com o olhar dirigido para Ele. Se esta palavra agora se encontra no Cântico da Missa imediatamente depois da consagração dos dons, depois da entrada do Senhor na assembleia em oração, então isto indica para nós o estar diante do Senhor presente, isto é, indica a Eucaristia como centro da vida sacerdotal. Mas também aqui o alcance vai além. No hino da Liturgia das Horas que durante a quaresma introduz o Ofício das leituras o Ofício que outrora os monges recitavam durante a hora da vigília nocturna diante de Deus e pelos homens uma das tarefas da quaresma é descrita com o imperativo: *arctius perstemus in custodia* estejamos vigilantes de modo mais intenso. Na tradição do monaquismo sírio, os monges eram qualificados como "os que estão em pé"; estar em pé era a expressão da vigília. O que era considerada tarefa dos monges, podemos com razão vê-la também como expressão da missão sacerdotal e como justa interpretação da palavra do *Deuterónimo*: o sacerdote deve ser alguém que vigia. Deve estar alerta diante dos poderes ameaçadores do mal. Deve manter o mundo desperto para Deus. Deve ser alguém que está em pé: firme diante das correntes do tempo. Firme na verdade. Firme no compromisso pelo bem. Estar diante do Senhor deve ser sempre, no mais profundo, também um ocupar-se dos homens junto do Senhor que, por sua vez, se ocupa de todos nós junto do Pai. E deve ser um ocupar-se d'Ele, de Cristo, da sua palavra, da sua verdade, do seu amor. Firme deve ser o sacerdote, destemido e disposto a suportar pelo Senhor até ultrajes, como referem os *Actos dos Apóstolos*: eles "cheios de alegria por terem sido considerados dignos de sofrer vexames por causa do nome de Jesus" (5, 41).

Passemos agora à segunda palavra, que o Cântico II retoma do texto do Antigo Testamento "estar diante de ti e servir-te". O sacerdote deve ser uma pessoa recta, vigilante, uma pessoa que sabe ser firme. A tudo isto acrescenta-se depois o servir. No texto veterotestamentário esta palavra tem um significado essencialmente ritual: aos sacerdotes competiam todas as acções de culto previstas pela Lei. Mas este agir segundo o rito era depois classificado como serviço, como um encargo de serviço, e explica-se assim em que espírito aquelas actividades deviam ser desempenhadas. Com a assunção da palavra "servir" no Cântico, este significado litúrgico da palavra é de certa forma adoptada de acordo com a novidade do culto cristão. O que o sacerdote faz naquele momento, na celebração da Eucaristia, é servir, realizar um serviço a Deus e um serviço aos homens. O culto que Cristo prestou ao Pai foi doar-se até ao fim pelos homens. O sacerdote deve inserir-se neste culto, neste serviço. Assim, a palavra "servir" assume muitas dimensões. Certamente dela faz parte antes de tudo a recta celebração da Liturgia e dos Sacramentos em geral, realizada com participação interior. Devemos aprender sempre a compreender cada vez mais a sagrada Liturgia em toda a sua essência, desenvolver uma viva familiaridade com ela, de modo que se torne a alma da nossa vida quotidiana. É então que celebramos de modo justo, que sobressai a *ars celebrandi*, a arte de celebrar. Nesta arte nada deve haver de artificial. Se a Liturgia é uma tarefa central do sacerdote, isto significa também que a oração deve ser uma realidade prioritária que se deve aprender sempre de novo e sempre cada vez mais profundamente na escola de Cristo e dos santos de todos os tempos. Dado que a Liturgia cristã, pela sua natureza, é sempre também anúncio, devemos ser pessoas que têm familiaridade com a Palavra de Deus, a amam e a vivem: só então a poderemos explicar de

maneira adequada. "Servir o Senhor" o serviço sacerdotal significa precisamente também aprender a conhecer o Senhor na sua Palavra e fazê-Lo conhecer a todos os que Ele nos confia.

Por fim, fazem parte do servir ainda outros dois aspectos. Ninguém está tão próximo do seu senhor como o servo que tem acesso à dimensão mais privada da sua vida. Neste sentido "servir" significa proximidade, exige familiaridade. Esta familiaridade inclui também um perigo: o de que o sagrado por nós continuamente encontrado se torne para nós um hábito. Desaparece assim o temor reverencial. Condiçionados por todos os costumes, não deixamos de compreender o facto grande, novo, surpreendente, que Ele mesmo está presente, nos fala, se doe a nós. Contra este acostumar-se à realidade extraordinária, contra a indiferença do coração, devemos lutar sem tréguas, reconhecendo sempre de novo a nossa insuficiência e a graça que existe no facto de que Ele se entregue assim nas nossas mãos. Servir significa proximidade, mas significa sobretudo também obediência. O servo está sob a palavra: "Não seja feita a minha mas a tua vontade" (Lc 22, 42).

Com esta palavra, Jesus no Jardim das Oliveiras resolveu a batalha decisiva contra o pecado, contra a rebelião do coração decaído. O pecado de Adão consistia, precisamente, no facto de que ele queria realizar a sua vontade e não a de Deus. A tentação da humanidade é sempre a de querer ser totalmente autónoma, de seguir apenas a própria vontade e considerar que só assim nós seremos livres; que só graças a uma tal liberdade sem limites o homem seria completamente homem. Mas precisamente assim vamos contra a verdade. Porque a verdade é que devemos partilhar a nossa liberdade com os demais e só podemos ser livres em comunhão com eles. Esta liberdade partilhada só pode ser liberdade verdadeira se com ela entramos no que constitui a própria medida da liberdade, se entramos na vontade de Deus. Esta obediência fundamental que faz parte do ser homem, um ser não por si e só para si mesmo, torna-se ainda mais concreta no sacerdote: nós não anunciamos a nós próprios, mas a Ele e à sua Palavra, que sozinhos não poderíamos idealizar. Anunciamos a Palavra de Cristo de modo justo só na comunhão do seu Corpo. A nossa obediência é um crer com a Igreja, um pensar e falar com a Igreja, um servir com ela. Faz parte disto sempre também o que Jesus predisse a Pedro: "Serás levado onde não queres". Este deixar-se guiar para onde não queremos é uma dimensão fundamental do nosso servir, e é precisamente o que nos torna livres. Neste ser guiados, que pode ser contrário às nossas ideias e projectos, experimentamos algo novo a riqueza do amor de Deus. "Estar diante d'Ele e servi-Lo": Jesus Cristo como verdadeiro Sumo Sacerdote do mundo conferiu a estas palavras uma profundidade antes inimaginável. Ele, que como Filho era e é o Senhor, quis tornar-se aquele servo de Deus que a visão do *Livro do profeta Isaías* tinha previsto. Quis ser o servo de todos. Representou o conjunto do seu sumo sacerdócio no gesto do lava-pés. Com o gesto do amor até ao fim ele lava os nossos pés sujos, com a humildade do seu servir purifica-nos da doença da nossa soberba. Assim faz com que nos tornemos convidados de Deus. Ele desceu, e a verdadeira elevação do homem realiza-se agora no nosso descer com Ele e para Ele. A sua elevação é a Cruz.

Éa descida mais profunda e, como amor levado até ao extremo, é ao mesmo tempo o ápice da elevação, a verdadeira "ascensão" do homem. "Estar diante d'Ele e servi-Lo" isto significa agora entrar na sua chamada de servo de Deus. A Eucaristia como presença da descida e da elevação de Cristo remete assim sempre, além de si mesma, para os numerosos modos do serviço do amor ao próximo. Peçamos ao Senhor, neste dia, o dom de poder proclamar neste sentido de novo o nosso "sim" à sua chamada: "Eis-me aqui. Enviai-me" (*Is 6, 8*). Amém.

© Copyright 2008 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana